

Título:

Da ecologia à afetividade radical em educação ambiental.

Autor:

Luiz Gabriel Catoira de Vasconcelos

Palavras chave:

Educação Ambiental, Ecologia, Afetividade.

Texto:

“Eu não estou interessado em nenhuma teoria,
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas me interessa mais” Belchior

Um desinteresse semelhante ao do músico Belchior em “Alucinação” tem tomado a forma com que venho fazendo sentido de minha prática como educador ambiental. Um desinteresse no plano das teorias, racionalidades, transcendências, que compõem os discursos ambientalistas. Uma ecologia, enquanto “logia”, parece não me servir mais. Informações racionais sobre a crise ecológica podem ter me ajudado a perceber que o mundo grita por uma transformação radical dos modos de vida que nós humanos temos desenvolvido. Porém, propagar informações e teorias não têm sido de muita ajuda no esforço de dar corpo a uma real transformação necessária. O caminho que tenho encontrado é o de retirar minha atenção do plano das informações e dos discursos transcendentais e mergulhá-la na imanência das materialidades e forças com que me envolvo enquanto educador: relações, corpos em interação. Desejo compartilhar nesse artigo como tem-se dado essa movimentação ao longo da minha experiência como educador ambiental em um projeto relacionado a gestão de resíduos sólidos em escolas, sobre o qual tenho desenvolvido minha pesquisa de mestrado em Engenharia Ambiental. Mas sobretudo, desejo indicar como o pensamento de Deleuze e Guattari tem ajudado a produzir movimentos significativos em minha prática profissional e em meu pensamento sobre ela. Desde já peço licença aos filósofos para me arriscar nessa aventura. Considerem que aqui quem vos fala é um educador com formação em engenharia e alma de artista: à filosofia me direciono por espontânea necessidade, não por me considerar preparado. Minha proposta neste artigo é apresentar melhor esse referido desinteresse, a reorientação que ele produz em minha prática enquanto educador ambiental, e no decorrer ir demonstrando a participação do pensamento de Deleuze e Guattari nessa reorientação. No trabalho completo pretendo apresentar também narrativas que ilustrem essa reorientação, e me aprofundar melhor nos conceitos de Deleuze e Guattari.

Para começar, é preciso esclarecer que, na verdade, trata-se de um duplo desinteresse pelo plano das informações e da racionalidade, desinteresse de ordem pragmática e de ordem ética. Pragmática pelo fato de que uma consciência racional dos impactos ambientais de certas atitudes não implica na mudança dessas atitudes. Já na década de 1990, a maioria da população já afirmava saber da importância de cuidar dos resíduos sólidos, como demonstrado em pesquisa nacional. Ainda assim, nas palavras de Samyra Crespo, tal consciência superficial se dava descolada de uma real transformação de hábitos e atitudes cotidianas. Décadas depois, com ainda maior difusão de informações sobre o tema, vemos que as atitudes ainda

não mudaram consideravelmente, ano após ano refletindo no aumento da produção de resíduos sólidos por habitante no país, até mesmo em situações de crise econômica, como têm demonstrado os panoramas da ABRELPE, Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública.

As informações sobre os impactos ambientais do uso de copos descartáveis, como exemplo, parecem estar em um plano distinto do costume de utilizá-los, ou ainda da disposição a carregar um copo reutilizável sempre consigo. Um experimento retórico: quantas pessoas você conhece que sabem da incoerência do uso dos descartáveis mas continuam a utilizá-los diariamente? Sim, possivelmente você é uma delas, assim como eu até pouco tempo atrás. Hoje, carrego um copo reutilizável sempre comigo. Posso até justificar tal atitude segundo minha preocupação sincera com os impactos ambientais, porém, embora já soubesse destas informações há muitos anos, foi só quando passei a atuar como educador ambiental em um projeto de gestão de resíduos sólidos em escolas que realmente assumi tal atitude. Vejam, foi o envolvimento em uma nova configuração de relações pessoais que desencadeou tal transformação, não uma maior eficiência de informação sobre impactos ou mesmo de emoção de preocupação com estes, embora tudo isso também componha esse novo agenciamento que conseguiu produzir uma nova atitude. Sim, agenciamento é um conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari que tem me sido de grande utilidade, ajudando a perceber o complexo rizoma que se estende muito além das atitudes em si, e que faz parte de sua produção. Não adianta arrancar plantas daninhas, o rizoma volta a produzi-las. Não adianta argumentar racionalmente contra certas atitudes, os agenciamentos em que aquela pessoa está envolvida voltam a produzi-las quando quem argumentou se foi.

Isso nos leva à dimensão ética de meu desinteresse com o plano das informações e discursos racionais na prática de educação ambiental. Como disse, esses discursos realmente fazem muito sentido para mim, sendo parte de minha história e como acabei passando a atuar como educador ambiental. Assim como acontece a muitos “ecologistas”, ficamos indignados ao ver pessoas agindo de forma incoerente com esses discursos, por exemplo, jogando resíduos no chão. Imergir na realidade de algumas dessas pessoas tem ajudado a modificar esse tipo de reação raivosa, com bastante ajuda do pensamento deleuziano. Deixar-se afetar por essas realidades faz com que antigas certezas arrogantes comecem a se fissurar em muitos questionamentos. O que me autoriza a chegar em uma comunidade com suas próprias materialidades, necessidades, urgências e exigir um comportamento justificando-o com um discurso produzido em condições completamente estrangeiras? Somente por considera-las e impô-las como verdades objetivas e universais? Não é esse mesmo o procedimento de colonização? Maturana já nos alertava que toda afirmação de objetividade universal é uma petição de obediência; palavras de ordem, diria Deleuze, e não uma referência à natureza das coisas. Como conceber uma educação não colonial em meio a um paradigma moderno e um inconsciente colonial que ainda permeia nossas vidas contemporâneas? É fácil julgar e condenar as pessoas daquela realidade segundo critérios racionais quando não há nenhuma forma de afetividade entre você e elas. Quando você passa a conhecê-las e desenvolver vínculos afetivos, a situação muda bastante. Já não quero condenar, quero-as bem. Já não consigo julgar, compreendo a realidade que tanto contribui para aquela atitude que me incomoda. Mas isso não torna as coisas mais fáceis. Ora, como fazer conviver tal entendimento ético de respeito à legitimidade do outro com a “verdadeza” que experimento ter certos

pensamentos, como o da necessidade ecológica de evitar a geração de resíduos? Como agir eticamente frente a meu desejo de que o outro também compartilhe desses pensamentos- atitudes sem apelar ao poder de uma racionalidade objetiva universal para subjugar-lo? Mesmo porque o resultado disso seria uma superficial absorção do discurso, mantendo o agenciamento de materialidades, relações, desejos que produz a atitude intacto.

A urgência de uma ecologia, nas três dimensões apontadas por Guattari, de fato nos exige uma radicalidade, porém caso essa radicalidade se dê no nível do discurso, estaremos repetindo a radicalidade do colonizador, aniquilando a materialidade local com um discurso ecológico transcendente. Subjugando o “Eco” em prol de uma “logia”. A radicalidade que acredito ser necessária é a de uma afetividade radical. Afetar-se pelas preocupações da Ecologia, sim. Afetar-se com o sofrimento de tantas formas de vida sucumbindo aos nossos modos de vida modernos é fundamental. Mas se faz necessária uma afetividade disposta a despir-se das armaduras de certezas, vestidas para atacar o problema ecológico. Uma afetividade disposta a entregar-se antropofagicamente à realidade que se deseja transformar. Devorar e ser devorado, para fazer corpo com ela. Cultivar o solo, e não arrancar incessantemente as plantas daninhas. Tecer novas conexões, sensibilidades, afetos, compor rizomas que produzam inflorescências outras.

É em torno desses pensamentos que tenho reorientado minha prática de educação ambiental. Um trabalho de educação ambiental que possa resultar em mudanças de atitudes deve ter por matéria prima esses agenciamentos, esse tecido complexo de relações entre pessoas, suas subjetividades, identidades, relações de poder. O trabalho do educador ambiental não é o de colonizar com racionalidades prontas, mas participar da composição de agenciamentos micropolíticos que tragam a possibilidade de incluir a preocupação ambiental de maneira única, local, específica.

Como resultado, a perspectiva que hoje tenho sobre minha prática de educação ambiental fala dessa entrega ao campo existencial das pessoas com que passo a trabalhar, em que passo a tecer e cultivar relações pessoais sinceras, assignificantes, relações micropolíticas com valor próprio e não instrumental. Em cada relacionamento que se compõe, o outro é amorosamente valorizado como legítimo, ao mesmo tempo em que livre e espontaneamente expreso meu comprometimento com as questões da educação ambiental, disponibilizando-o aos novos agenciamentos que se compõe com minha presença. É nesse processo de contágio mútuo que emergem possíveis novas subjetividades, identidades, agenciamentos que possam incluir de forma única, local e específica o comprometimento ecológico e com a questão dos resíduos. Agenciamentos que produzam atitudes coerentes com a Ecologia, mas também com a realidade local. Acredito não ser por acaso que Belchior uniu “amar” com “mudar as coisas”. Sozinhos, nem um nem outro verbo parecem oferecer um caminho rumo a uma nova Terra que povoa os sonhos de tantos educadores ambientais. Não “a” nova Terra segundo “uma” Ecologia, universal, mas a nova Terra que germina na multiplicidade dos modos de vida que podem emergir do solo micropolítico de uma afetividade radical.